



Afetividade na Educação: Relação Professor-Aluno, Contribuições para o Ensino Aprendizagem

*Romenia Alves Ferreira Porto¹; Antônio Leonardo Figueiredo Calou²;
Cícera Cláudia Gomes Bitu Leandro³; Martha Maria Macêdo Bezerra⁴*

Resumo: O problema levantado neste trabalho tem como objetivo, provocar, analisar e repensar a prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem, bem como a relação no âmbito escolar especificamente entre professor/aluno/escola. Fundamentado pelo encontro da psicologia com a educação, compreendida por meio da leitura de alguns/mas autores/as de destaque nessa intercomunicação, esta pesquisa buscou – discutindo esse referencial – encontrar caminhos para a melhoria na dinâmica em sala de aula, refletindo a boa convivência entre educandos e educadores. A metodologia que conduz essa busca, se caracteriza por uma revisão bibliográfica, onde foi possível selecionar algumas obras bibliográficas que tratam do tema afetividade e sua importância no processo formativo cognitivo e social dos educandos. Ao final do presente trabalho pode-se considerar de sua reflexão que, a afetividade é um dos principais elementos da inteligência, pois trata-se de uma necessidade da vida social pressuposta no desenvolvimento do aluno, podendo determinar seu sucesso, e/ou também, o seu fracasso, tendo em vista alguns modos de criação que individualizam o educando, como no caso da superproteção dos pais. Foi possível considerar também que, o professor como o principal mediador do universo do alunado com a gestão escolar é a ferramenta primordial nesta gestão descentralizada que se aprimora a cada dia no âmbito educacional primário.

Palavras – Chaves: Processo educacional. Cognição. Afeto.

Affectivity in Education: Teacher-Student Relationship, Contributions to Teaching and Learning

Abstract: The problem raised in this work, provoked, analyzed and rethink a pedagogical practice in the teaching-learning process, as well as a school-based approach between the teacher / student / school. Based on the encounter between psychology and education, understood through the reading of some authors as a highlight in this intercommunication, this research sought - to debate this framework - to find ways to improve in the classroom, reflecting a good coexistence between students and educators. The methodology that led the search was by a bibliographical review, in relation to the bibliographical questions that deal with the theme of their capacity of expression and in the cognitive and social formative process of the students. The objective of mind is the risk of human awareness should be its reflection on the mind of the evolution of hispanic Its failure, given some modes of creation that individualize the learner, as in the case of over-protection of parents. This study is not found, the instructor the main media of the universal students with a primordial educational education, the main knowledge of mainstreaming each day no.

Keyboards: Educational process, Reflection and Affection

¹ Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental. Centro Universitário Inta/UNINTA. romeniaporto@hotmail.com;

² Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa Política, Produção de Subjetividade e Práticas de Resistência (GPPP). Mestre na área de Ciências Sociais das Religiões, Educação e Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Núcleo de Pesquisas Socioantropológicas da Religião e de Gênero (SOCIUS). Membro Associado da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Psicanálise Clínica pela Faculdade de Teologia e Ciências (FATEC). leonardo-coelho-10@hotmail.com.

³ Graduação em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e Graduação em história pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

⁴ Doutorando em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina do ABC - São Paulo. Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Possui Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri. Coordenadora de Cursos de Especialização em Saúde - UNINTA. Professora concursada da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Professora da Rede Municipal de Juazeiro do Norte. marthamacedo2016@gmail.com.

Introdução

Em se tratando de processo educacional, vivenciado e analisado sobre o cotidiano da vida na escola, grande são os desafios experienciados no contexto escolar comuns na maioria das instituições educacionais. Pesquisar sobre algo que venha a contribuir com a melhoria de nossas escolas e de nossa educação, é, de fato, muito importante se isso também for colocado em prática e não permanecer apenas na teoria.

Fazer com que não haja desmotivação dentro da rotina escolar e que alunos tenham expectativas em relação ao seu futuro – seja ele acadêmico ou profissional – requer conhecimento, planejamento e ação. Visualizando por este lado, parece existir uma necessidade urgente de planejamento e execução de medidas por parte de toda equipe, uma vez que o interesse por parte dos alunos não está criando o resultado esperado, podendo a causa ser a desmotivação.

A afetividade é um dos principais elementos da inteligência e que contribui no desenvolvimento do discente, podendo determinar o seu sucesso (PIAGET, 2005). Percebe-se então, a necessidade de rever nossas práticas pedagógicas analisando principalmente a relação professor e aluno. Sabemos que com amor, com carinho tudo é mais fácil. É comum acontecer com certa frequência uma relação não compreendida entre aluno e professor, muitas vezes justificada pela falta de limites que o aluno carrega em sua bagagem e as dificuldades do professor em lidar com tais questões e situações.

De acordo com Cunha (2008), é importante o professor conhecer melhor seu aluno, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimentos cognitivos, para melhor adequar recursos que estimule sua aprendizagem, tornando-se uma boa influência para que a criança aumente seu desejo de aprender.

É necessário, portanto pesquisar e analisar como estão acontecendo às práticas pedagógicas, verificando se o aluno está sendo o sujeito ativo com uma aprendizagem significativa, se o professor está sendo um mediador que além da função de transformador exerce também a pedagogia afetiva, necessária ao aprendizado do aluno, e, ainda, analisar se ambos estão buscando o conhecimento mútuo de suas necessidades. O problema é que temos uma classe de professores cansados pelo descaso, pela falta de valorização que em nada traz incentivo e motivação necessários à sua função.

Paulo Freire diz: “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda” (2000, p. 67). Assim sendo, é relevante que se faça algo para que mude esse cenário e os nossos alunos, que são o futuro do amanhã, sintam prazer em estar em sala de aula, vivenciando um conhecimento que flua e tendo a amizade como um ingrediente impar no desenvolvimento dentro e fora da escola.

O desejo de observar, provocar, analisar e repensar a prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem – bem como a relação no âmbito escolar, especificamente professor/aluno/escola – é o que desperta à realização deste trabalho. Baseado neste pressuposto, buscar-se-ia encontrar caminhos que vá de encontro a uma melhoria na dinâmica de sala de aula, onde educando e educador juntos, com debates, diálogos, troca de experiências e conhecimentos, venham acrescentar e somar no resultado final de cada etapa com uma aprendizagem satisfatória.

O objetivo geral desse trabalho é uma reflexão sobre a afetividade e sua importância no processo formativo cognitivo e social dos educandos, destacando a necessidade de trazê-lo para o âmbito escolar através do olhar de autores renomados que estão transformando a educação. Definir afetividade, apresentar a visão de alguns autores sobre a relação do professor aluno em sala de aula, mostrar a visão da escola como centro dessa relação, apontar a importância da afetividade para uma boa convivência em sala de aula, são pontos que se almeja alcançar.

Dessa maneira, poder-se-ia dizer que a afetividade pode moldar a natureza social dos seres humanos e então interferir na aprendizagem, já que um bom relacionamento pode desencadear mudanças comportamentais que, a pessoa a qual se sente empatia, está apresentando. Tornando possível mostrar que quando se há empatia em sala de aula, os resultados podem ser melhores, principalmente com relação as atividades no âmbito social.

A afetividade e a inteligência são processos construídos e contínuos. Na medida em que o ser humano se desenvolve, desenvolvem-se também suas necessidades tanto afetivas como cognitivas (MAHONEY; ALMEIDA, 2006).

Corroborando a este pensamento, Martinelli (2001) mostra em seus estudos que a afetividade está absolutamente relacionada com o aspecto cognitivo, uma vez que o estado emocional pode intervir expressivamente na execução de uma atividade, necessitando, portanto, ser considerado pela escola, bem como, pelo professor devido à reciprocidade existente entre o aspecto afetivo e cognitivo. Assim, verifica-se que, harmonizando a dimensão afetiva e o processo educacional, o ensino e a aprendizagem significativa tendem a fluir, caso contrário o ambiente escolar tende a ficar desgastado e sem estímulo.

A Afetividade na Profissão Docente

A afetividade, torna-se um campo amplo que inclui paixão, sentimento, emoção e se desenvolve sempre na relação com outro, tanto nas relações pessoais como nas sociais. Assim, nota-se que há uma evolução progressiva da afetividade no ser humano e que a mesma se dá com o distanciamento progressivo do fator genético e a aproximação e interação cada vez maior com o fator social.

Com isso, seria possível afirmar que uma das atribuições do educador é entender as necessidades individuais e afetivas para a vida de sentimentos humanos; perceber o aluno como sendo único, olhá-lo com ternura, amor, respeito e o desejo de ajudar.

Compreender que a vida afetiva - emoções e sentimentos - compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida. Necessitamos deles porque [...] orientam-nos e nos ajudam nas decisões (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 198).

Vieira e Lopes (2010) falam que, em se tratando de atividades escolares, podemos elencar que, para a criança, algo se torna significativo quando há reflexão sobre a relação com seu cotidiano. Todavia, o professor terá que ter plena consciência da influência que exerce sobre a criança ou o jovem ao desenvolver hábitos, estimulando-a a ter sua própria independência. Por conseguinte, a criança adquire segurança tendo o professor como modelo ou suporte na compreensão de suas atitudes.

Mas muitas vezes a escola dificulta tal função e o professor se vê por vezes em situações complicadas. Uma melhor releitura das obrigações da escola, ou até reciclagem dos que compõem a coordenação da escola, pode ajudar a firmar o papel que a escola e os educadores têm na afetividade e os benefícios que ela pode trazer como resultados.

Oliveira (2009) considera que há vozes diferentes dentro da escola e que a maioria delas ainda sente um saudosismo pela escola do passado¹, talvez por não encontrar na escola atual², elementos que justifiquem sua existência. Nesta perspectiva surge um sistema de significado no qual, as práticas e as produções culturais se manifestam.

¹ O autor identifica a escola do passado como uma instituição rude, com uso de palmatória, castigos, conflitos e sem relação de alegria para professores e alunos.

² A escola atual, por sua vez, vem significar uma instituição que recebe os sujeitos numa dinâmica organizativa que contribui para os fenômenos que nela se observam.

Atualmente, as condições impostas pelos novos paradigmas da educação que relacionam a afetividade à aquisição do conhecimento nas instituições de ensino, tem levado muitas organizações a buscar novas formas de ensino, diante desse novo cenário vivenciado na educação, onde, de acordo com Belotti e Faria (2010), as escolas democráticas proporcionam aos alunos a descobertas dos caminhos para o aprendizado. Essa pedagogia exige uma necessidade de vínculo e de comprometimento na relação professor-aluno.

Em especial nos dias de hoje, tratamos de salas de aulas complexas, com heterogeneidade e grandes quantidades de alunos. Esse fator, sobretudo nas escolas públicas, dificulta cada vez mais o trabalho do professor. As escolas trazem em seu bojo, enfoques distintos, com base nessa evidência. Ainda é salutar a contribuição de abordagens diversas, de formação qualificada e metodologias que visem à melhoria do ensino, e, portanto, da aprendizagem dos indivíduos, essas, por sua vez, levando em consideração as singularidades da pessoa humana, em cada faixa etária.

A desconsideração dessas singularidades nesses ambientes de aprendizagens também são exemplos de realidades “desumanizadoras” no interior dessas instituições que precisam ser transformadas. Barros *et al.* (2012), argumentam em suas pesquisas que, através da educação se deve trabalhar dimensões distintas do desenvolvimento humano, entre elas as dimensões social, afetiva e cognitiva, as quais devem ser contextualizadas de acordo com os diferentes momentos vivenciados pela criança, estando estes instigados por diversos significados.

Assim, é importante que os educadores floresçam mais gosto e também uma sensibilidade fiel relacionada às crianças, propiciada por meio de relações afetivas com e entre elas, facilitando, assim, na conquista de uma autoestima positiva promotora de um desenvolvimento pessoal e social (PORTUGAL, 2001).

Ao analisar a cultura escolar, Novais (2005) revela que ela abrange não apenas conteúdos, mas também comportamentos que se traduzem nos papéis desempenhados, nas normas e ritmos próprios e que esses elementos emergem na linguagem utilizada em sala de aula por professores e alunos. Tais representações baseadas em traços culturais e locais determinam, muitas vezes, o que esperar da escola e de seus professores, traduzindo-se nos contextos estudados, na função atribuída à escola pelo público que atende.

Em sua maioria as escolas se esquivam dessas potencialidades e continuam levando os professores a fazerem aulas chatas, com poucos recursos e nem um pouco atrativas. Levando os alunos a se distanciarem dos professores por não alcançarem seus objetivos e tornando as salas de aula um local ríspido, chato e em certos casos até violentos.

Assim, todo educador que deseja adequar sua prática pedagógica à teoria walloniana deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo. Para finalizar e contribuir com as reflexões acerca da afetividade na escola, Freire salienta:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

A Relação Professor Aluno

Compreendemos que as particularidades humanas decorrem do convívio social e da satisfação através da interação com os nossos semelhantes no mundo em que vivemos. Tais particularidades não se constituem somente de nossa composição física, mas faz parte dessa máquina, a dimensão psicológica, que por sua vez, integram a satisfação das necessidades desses incentivos.

A criança desenvolve a sua linguagem através das interações sociais e é por meio dela que a mesma passa a se comunicar, organizar seus pensamentos, assimilar, traçar e encaminhar suas ações. Por meio da linguagem, os significados se assimilam dando um pontapé aos conceitos divididos pelos grupos sociais. De acordo com Davis e Oliveira (1990, p. 20-21), “para que a criança aprenda, ela necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos e com outras crianças mais experientes”.

A criança – quando em desvantagem no processo de obtenção de conhecimento, decorrente de inúmeros fatores como distúrbio de aprendizagem, resultante de algum tipo de insuficiência – algumas vezes, ao ser incorporada nas primeiras séries do ensino fundamental, acaba passando por uma grande reforma nas suas formas de refletir e raciocinar, sofrendo com o nível de exigência da escola e a percepção de educação que o professor adota diante dela.

Seja qual for à atividade realizada no ambiente escolar, a mesma tem que ter seu ponto central na execução do planejamento de ensino, na organização das condições para que a aquisição do conhecimento ocorra de fato e que exige clareza quanto aos objetivos que se quer alcançar, assim como o desenvolvimento de um ambiente que forneça o aprendizado que e estimule as potencialidades diversas das crianças. Aucoutier e Lapiere nos evidenciam que:

É através de uma relação entre professor e aluno com deficiência, relação esta que deve ser baseada de forma espontânea, autêntica e comprometida é que fluirá uma comunicação numa relação dialética de trocas e que possibilitara ao educador compreender aquilo que a criança vive. (1996, p. 77).

Quando se planeja produzir uma prática pedagógica que possa assegurar um método de aprendizagem pertinente, é preciso que se tenha cuidado quanto ao que é e como ele ocorre, pois, ensinar é muito mais que transmitir conhecimento. Algumas vezes em nossas experiências diárias, vemos professores perdidos em sua função de ensinar, bloqueados a revelarem seus recursos ocultos, sua criatividade. Muitos estão presos às tarefas de sua rotina diária, têm a sua capacidade bloqueada e devido a isso, conduzem como prática apenas o necessário, quase sempre deixando a desejar quanto a sua própria satisfação enquanto professor e a importância de sua função. Luz e Gesser em seu artigo sobre a prática docente e pesquisa vem salientar que:

A tomada de consciência por parte dos professores formadores a respeito da importância de refletir sobre suas ações poderia contribuir para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e comprometidos efetivamente com a educação. (2007, p.23).

Da mesma forma que a educação é permanente e importante para todos, também é para o educador. Paulo Freire condiciona a melhoria da qualidade da educação à formação permanente dos educadores e essa formação se funda na prática de analisar a sua própria prática de ensino. “É pensando a prática de hoje, ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (FREIRE, 1997, p. 43-44).

As relações humanas, embora intrincadas, são peças essenciais na ação do comportamento e na profissão de um indivíduo. Desta forma, analisar a relação entre professor/aluno compreende interesses e finalidades que exige o papel de cada um, pois a educação é um dos motivos mais significativos no desenvolvimento do comportamento e na agregação de valores nos indivíduos da espécie humana.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdo, organização e sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição onde o professor demonstrará seus conteúdos.

O exercício do professor no ambiente escolar e sua ligação com os alunos é explicitada pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura. Abreu e Masetto, afirma que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada

concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade” (1990, p.8).

Afetividade como Ferramenta no Aprendizado

A afetividade é compreendida como sendo o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões, que poderiam determinar a atitude do indivíduo diante de qualquer experiência vivencial, promovendo os impulsos motivadores e inibidores, e, por isso, exercendo profunda influência sobre o pensamento e a conduta no meio social (ANTUNES, 2007).

Piaget (1994), ao explicar e defender a ideia sobre as relações entre afetividade e inteligência, analisa duas interpretações que ainda hoje estão presentes nas crenças e concepções de alguns educadores (pais e professores) e profissionais. Uma delas é a de que o conhecimento e as operações cognitivas seriam resultantes da afetividade, ou vice-versa, e a outra é que a afetividade pode intervir na inteligência acelerando-a ou retardando-a.

Saltini (1999), fala que a relação estabelecida entre o professor e o aluno é indispensável, uma vez que essa ligação é um componente essencial para a facilidade no aprendizado. Em vista disso, é importante entender que no desenrolar desse processo de aprendizagem, a afetividade é como uma energia que propulsiona as ações. La Taille (1992) reforça isso quando diz que a presença do afeto é exposta como um sentimento em que motiva ações.

Para Vygotsky (1994) é possível evitar esse dilema concebendo a consciência como uma organização observável do comportamento, que por sua vez, é imposta aos seres humanos através da participação em práticas socioculturais. Assim, observa-se que os elementos afetivos estão no desenvolvimento intelectual e social das crianças. Para isso, ela prepare um programa de atividades acompanhado com técnicas didáticas, mas não sabe adequá-las à vida diária da sala de aula. A afetividade humana não é expressa apenas através de gestos, toques ou por meio de proximidade, o cuidado com o outro, a atenção, a preocupação e atitudes ligadas ao bem-estar do aluno, faz com que os mesmos se sensibilizem e tornem-se mais flexíveis ao processo educativo.

Existe um consentimento entre alguns autores como Kullok (2002) e Saltini (1997), que determinam que para existir uma aprendizagem em níveis satisfatórios é necessário que haja boa interação entre todos os integrantes do processo. Isto vem ao encontro de Kullok (2002) que relata também que toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os elementos que participam do processo, ou seja, aluno e professor.

Cabe ainda lembrar que mesmo perante um ambiente restringido por horários e conteúdo, é inquestionável que exista uma relação estabelecida pelos sujeitos (professor e aluno) com a potência de ampliar ou construir futuros. Diante destas colocações, faz-se necessário mencionar os estudos de Aquino (1996) quando mostra que mesmo o aluno ou o educador apresentando suas várias limitações, sejam elas de tempo, conteúdo, normas de instituição e etc., a interação dos dois é o essencial no processo educativo. Engrandecer a relação professor-aluno é uma circunstância duradoura para criar um alicerce educacional sólido e eficiente, que fatalmente, terá graves consequências quando interrompido.

Vale salientar que a relação professor-aluno é o foco principal do desempenho da aprendizagem, é de suma relevância fortalecer que o professor exerce o papel do protagonista da cena, tendo em vista, que ele é o ator capaz de despertar em seus alunos o interesse mais puro e belo, o interesse de aprender simplesmente pelo prazer. Cabe citar o trabalho de Saltini (1997) onde o autor considera que a prática didática, além do equilíbrio com homem e com o meio em que se encontra, deveria também está a favor do seu desenvolvimento educacional. As emoções influenciam e diversificam o comportamento, portanto, quando as palavras são ditas com sentimentos, agem sobre o indivíduo de forma diferente de quando isto não acontece.

Segundo Wallon (1995) a afetividade está centralizada em cada processo de formação e desenvolvimento da personalidade do ser humano, é constituída pelo domínio funcional e depende sempre do fator orgânico e social.

Vygotski (2001) fala da relação aluno-professor relacionado à afetividade em que “o mestre deve viver na comunidade escolar como parte inalienável dela e, nesse sentido, as suas relações com o aluno podem atingir tal força, transparência e elevação que não encontrarão nada igual na escola social das relações humanas” (p. 455)

Relação entre Afetividade e o Desenvolvimento Cognitivo

Afeto e cognição são descritos como maneira de conquistar a aprendizagem de conceitos abstratos, são momentos onde a criança/jovem está apta a pensar afetivamente em questões que envolvam os seus sentimentos, desejos e suas emoções. Assim o afeto e a cognição são de fundamental importância na formação dos processos psicológicos superiores³, (BORBA; SPAZZIANI, 2007).

³ Processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas nem determinadas com exatidão, que na psicologia tradicional denominam-se atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, etc.

A relação cognitivo-afetiva é discussão importante na teoria walloniana, pois constitui um par inseparável na evolução psíquica, são interdependentes, por vezes, opostas, e, apesar de antagônicas, se bem relacionadas, são responsáveis por níveis evolutivos mais elevados.

Piaget (1988) ressalta a necessidade de pesquisar a intercessão da afetividade em nossas ações diárias, pois para o autor as informações adquiridas por nós são por meio da interação entre emoção e razão, e assim defende que exista uma relação direta entre a afetividade e o conhecimento, Wallon formulou uma teoria da afetividade definida como teoria da emoção e do caráter, onde destaca:

A afetividade tem um papel de fundamental importância no desenvolvimento da personalidade, visto que é o primeiro domínio funcional percorrido pela criança. O recém-nascido e a criança, no seu primeiro ano de vida, utilizam gestos e expressões carregadas de significados afetivos, mesmo antes da inteligência (WALLON, 1995).

Corroborando a estes autores, Nery 2003, diz que os elos afetivos criam instrumentos que permitirão a compreensão intelectual, um nível de envolvimento entre criança e adulto e onde se possibilita uma comunicação e expressão entre eles. De uma forma mais resumida, Almeida (1999, p.42), cita que “a afetividade se manifesta primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança”, logo, se privarmos a criança de algo, ela se sentirá privada de algo pertencente a si mesma, isso pode prejudicar no seu desenvolvimento, e eventualmente no processo de aprendizagem.

Fiamenghi (2001, p.71), diz que “as pessoas não nascem com atitudes. Os princípios mais relevantes que ajudam na formação de atitudes estão ligados à aprendizagem, com maior relevância a relação que existe entre a formação de conceitos e a formação de atitudes”. Tal aprendizagem é proporcionada pelos níveis de influência mútua com o meio em que se vive, e esta, por sua vez, define o tipo de comportamento social alcançado. Assim sendo, pode-se concluir que a relação entre o adulto e a criança é rica de significados na medida em que essa se torne uma relação prazerosa, solidária e comunicativa para ambas as partes.

De modo diferente da psicologia tradicional, onde se tratava de forma separada os aspectos intelectuais e os volitivos e afetivos, a atual mostra que o pensamento nasce no âmbito da motivação, incluindo o afeto, emoção, impulsos, interesses, inclinações e necessidades. Assim para Vygotsky (1994, p.57), “só é possível compreender o pensamento humano quando se concebe e se compreende a sua base no aspecto afetivo volitivo”.

Os professores são a parte mais forte desse elo de afetividade, pois preenchem o papel de adulto responsável, desempenhando papel de estruturador no processo educativo dos educandos, compartilhando suas ideias e os ajudando a construir a suas. Dessa forma, precisam

de auxílio para entender que a empatia em sala de aula não é mais algo visto com desaprovação e desgosto pelos pensadores que formulam a educação. Na medida em que as relações afetivas construídas entre professor e aluno gerem sentimentos de confiança e espontaneidade, podem influenciar na apropriação dos objetos culturais do conhecimento. Assim temos que:

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem. (GIANCATERINO, 2007, p. 74).

A afetividade e a cognição fundamentam-se em conceitos que se completam, pois, a afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, visto está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo, ou seja, a afetividade é o suporte que dá sentido à ação; já a cognição envolve fatores diversos como o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória, o raciocínio etc., que fazem parte do desenvolvimento intelectual. Emoção e razão se completam para permitir a compreensão intelectual da realidade externa.

Assim sendo, ressalta-se que a afetividade proporciona autoconfiança e autoestima através de uma relação segura, logo no âmbito escolar podemos dizer que alunos e professores trabalham a interatividade e a troca de experiências, revelando seus valores e afetos, permitindo uma melhor comunicação, motivando seus desejos e vontades, valorizando suas qualidades e aptidões, proporcionando que estejam sempre unidos e possam exercitar que cada um mostre o seu melhor.

Considerações Finais

É sempre muito formidável falar da importância afetiva na educação, atentando-se para a qualidade de vida humana, pois a afetividade deve estar presente desde a vida intrauterina, até os últimos dias de vida, se manifestando como uma fonte geradora de potência e energia e alicerçando o que se constrói como conhecimento racional. Por isso, a Educação Infantil compreende um período de grande importância na formação intelectual e emocional do indivíduo; considerada parte integrante da educação básica (AMORIN E NAVARRO, 2012).

Ao tentar traçar os benefícios que os vínculos afetivos trazem para os autores da educação, percebemos que eles ultrapassam a aprendizagem cognitiva e são demonstradas pelos alunos na vida social. Alunos que experimentam afetos advindos do professor, principalmente

nas series iniciais, se mostram mais interativos e confiantes, pois tratam-se de sentimentos que modificam a aprendizagem e forma como os mesmos vem a escola.

O professor é o mediador do conhecimento sistematizado e tem de possibilitar variadas situações para que seu aluno consiga chegar ao aprendizado necessário. Seu papel é de nortear os alunos criando assim um caminho satisfatório e motivador para que os educandos se interessem pelo conteúdo apresentado. Por isso, a relação do professor com o aluno deve ser boa para facilitar a comunicação dentro da sala de aula.

A afetividade se dar por trocas entre os sujeitos onde o professor apresenta e doa seu carinho ao aluno e o aluno entrega sua confiança ao professor, e juntos irão descobrir um mundo novo, pois sempre que um professor se entrega a esse ato e se dedica a aprendizagem de um, ou de seus alunos, um novo discente surge, com mais conhecimento e auto estima, traçando assim um novo paradigma para a educação.

As obras citadas nesse trabalho deixam claro que é necessário que o professor entenda que o lugar ocupa na sala de aula e na vida do aluno, deixará marcas tanto na vida escolar, como na vida futura do aluno. É necessária uma reflexão da importância da afetividade no processo ensino aprendizagem. A psicopedagogia defende a importância da afetividade no desenvolvimento emocional e cognitivo do educando, uma vez que busca informações para compreender o fracasso escolar, levando em consideração não só o cognitivo, mas também a importância do papel do afeto na aprendizagem e as questões emocionais que venham a intervir nesse processo, logo torna-se impossível separar aprendizagem e afetividade, pois as duas caminham juntas. É importante a intervenção psicopedagógica, porque muitas vezes a criança apresenta um problema cognitivo, porém de origem emocional (FEDERLE,2012). O discente necessita ser amado e respeitado quando visto em seu contexto escolar. A função da escola não se limita apenas na transmissão de conhecimentos, mas também na formação de pessoas conscientes e harmônicas emocionalmente (FRAGA, 2011).

É importante ressaltar que a afetividade não se restringe apenas a sala de aula, deve estar inserida também no ambiente familiar, o qual também precisa desenvolver esses laços necessários a vida e ao desenvolvimento do educando, tendo o cuidado de não proteger com excesso.

Para Piaget (2005), é necessário analisar como acontecem as práticas pedagógicas, se o aluno está sendo o sujeito ativo com aprendizagem significativa e se o professor está sendo um mediador que além da função de transformador, exerce a pedagogia afetiva do aluno. E se ambos estão buscando o conhecimento mútuo de suas necessidades.

Referências

- ABREU, M. C., MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- AMORIM, M. C. S.; NAVARRO, E. C. Afetividade na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 1, n. 7, 2012.
- ANTUNES, C. **Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como espaço do crescimento integral**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- AQUINO, J. G. **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- AUCOUTURIER, B., LAPIERRE, A. B. **Psicomotricidade e Terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- BARROS, J. F. de; BULLÉ, F. do C.; SODRÉ, O, R.; FEITOSA, S. G. Afetividade e jogos cooperativos: reflexões sobre ações pedagógicas na educação infantil. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2012.
- BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A. de. Relação professor-aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2010.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M, L. **Afetividade no Contexto da Educação Infantil**. Ribeirão Preto, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos>. Acesso em: 23 fevereiro de 2019.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z, de. **Psicologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- FEDERLE, Carmem. **O papel do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem e dos problemas afetivos e de conduta em sala de aula**. 2012. Disponível em: <http://Carmem-ferdele.blogspot.com.br/2012/05/o-papel-do-psicopedagogo-frente-as.html>. Acesso em 8 de agosto de 2019.
- FIAMENGHI, G. A. **Motivos e Emoções**. São Paulo: Mackenzie, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. [Coleção Leitura].
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIANCATERINO, R. **Escola, Professor, Aluno: os participantes do processo educacional**. São Paulo: Madras, 2007.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Edufal, 2002.

LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LUZ, G., GESSER, V. Professor Pesquisador. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.13, n.78, p. 19-25, 2007.

MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. **Viver mente & cérebro**. São Paulo: Segmento-Duetto, v.6, n.6, p.56-65, 2006.

MARTINELLI, S. C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F. F. et al. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NERY, M. P. **Vínculo e Afetividade: caminhos das relações humanas**. São Paulo: Agora, 2003.

NOVAES, L. P. A. **A Escola Perdida: a escola e o bom aluno no discurso de pais e professores**. 2005. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, L. M. D. S. **A Relação Professor-Aluno: traços culturais presentes na interação em sala de aula**. 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação, História, Política e Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, 2009.

PIAGET, J. **Inteligencia y afectividad**. Buenos Aires: Aique, 2005.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivete Braga, 14ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PORTUGAL, G. Ser educador de infância: ideias sobre a construção do conhecimento profissional. In: TAVARES, J. e BRZEZINSKI, I. (Orgs.). **Conhecimento profissional de professores – a práxis educacional como paradigma de construção**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SALTINI, C. J. P. **A afetividade e inteligência: a emoção na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: DPA, 1999.

VIEIRA, A. S.; LOPES, M. D. **A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais**. 2010. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Centro Universitário Salesiano Auxilium de Lins - UNISALESIANO, Lins-SP, 2010.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995. VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Acesso em 29 mai. 2020

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Acesso em 29 mai. 2020

Como citar este artigo (Formato ABNT):

PORTO, Romenia Alves Ferreira; CALOU, Antônio Leonardo Figueiredo; LEANDRO, Cícera Cláudia Gomes Bitu; BEZERRA, Martha Maria Macêdo. Afetividade na Educação: Relação Professor-Aluno, Contribuições para o Ensino Aprendizagem. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Julho/2020, vol.14, n.51, p. 1-15. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 29/07/2020;

Aceito: 11/08/2020.